

O mundo como resultado de influências em equilíbrio **Rudolf Steiner**

GA 158* Sexta conferência Dornach, 22 de novembro de 1914

Tradução: Salvador Pane Baruja, 29/03/2022

Uso particular e sem fins lucrativos

A partir das discussões de ontem^{NT}, os senhores podem deduzir que inclusive o nosso corpo {físico} apresenta a forma que tem por ser um resultado da ação conjunta dos poderes luciféricos e arimânicos.

Justamente na nossa época é muito importante conhecer realmente essa ação conjunta dos poderes luciféricos e arimânicos, pois somente assim poderá instalar-se na humanidade a compreensão das forças que agem por trás das fantasmagorias exteriores da existência. Sabemos que não precisamos nem ter ódio de Árimã nem temer Lúcifer, porque esses poderes só podem agir como forças inimigas no mundo quando, de certa forma, não estão nas suas próprias regiões. Ano passado falamos muito sobre isso em Munique¹ e foi motivo de alusões {nos dias anteriores}.

Na medida em que ontem vimos como o corpo físico, espacial, do ser humano adquire a sua forma através do jogo que opõe as potências luciféricas e arimânicas, apontamos para o aspecto mais exterior do papel que elas têm na vida humana. Os senhores sabem que entramos mais na vida interior do ser humano à medida que passamos do corpo físico para o corpo etérico. O corpo etérico é o construtor do corpo físico. Ele está embutido na totalidade do mundo etérico, é um organismo permanentemente em movimento em si mesmo, é o fundamento do corpo físico.

Em relação ao corpo etérico, pode-se dizer que, a exemplo do corpo físico, nele também agem as forças luciféricas e arimânicas. Devemos ressaltar que o ser humano, como entidade etérica, também está sujeito ao jogo que opõe as potências luciféricas e arimânicas. Como o ser humano não é apenas um ser físico, vamos olhar as três atividades básicas da sua essência, ou seja, o pensar, o sentir e a volição. Quando observamos o corpo físico humano, não enxergamos essas atividades. Somente na medida em que o corpo humano se expressa numa certa fisionomia, em gestos, é que podemos pressentir através dele o que acontece no interior da pessoa. Já o corpo etérico, por ser um organismo em movimento, é uma expressão permanente do pensar, sentir e querer do ser humano.

A ciência meramente voltada para o exterior tem uma relação difícil com essas qualidades e, ao percorrer as visões de mundo filosóficas, vê-se que um filósofo ora dá prioridade à volição, ora outro ao pensar. Ainda estão aqueles que consideram o sentir como a principal força. Só que as visões de mundo filosóficas não conseguem articular conceitos corretos sobre como é que essas qualidades formam uma unidade no ser humano. Isso dá a impressão de que o ser humano tem mesmo dificuldades em formar conceitos sobre a entidade humana. Os filósofos dizem não saber exatamente se a alma humana é mais volitiva, mais sensitiva ou mais pensante. Ela é mais uma do que outra qualidade? Isso é como se alguém quisesse falar: bom, eu realmente não sei mais o que o ser humano é.

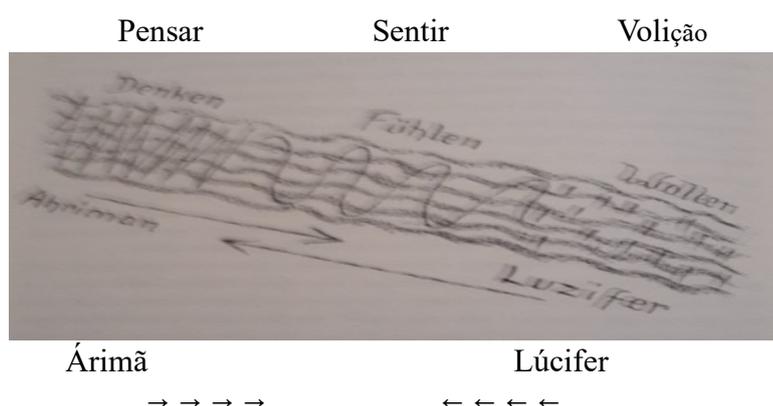
NT: A presente conferência é uma das três proferidas em Dornach, entre 20 e 22 de novembro de 1914. Rudolf Steiner faz referência à apresentação do dia 21, “As lutas de Lúcifer e Árimã no organismo humano”.

1 GA 147 *Os segredos do limiar*, de 24 a 31 de agosto de 1931.

É como se alguém, que me disse que me apresentaria um ser humano, chegara com uma criança de cinco anos e dissesse que esse é um ser humano. Uma outra pessoa me apresenta um ser muito maior do que o primeiro, pois é alguém de meia idade. Uma terceira garante que o ser que a acompanha, uma pessoa com rugas no rosto, cabelos brancos, etc, esse é um ser humano. E agora eu não sei mais o que é um ser humano, pois me foram apresentados três seres diferentes. Sim, porque, de fato, todos são seres humanos, apenas que um deles é muito jovem, o segundo bem mais velho e o terceiro envelheceu bastante. Eles são muito diferentes na aparência. Mas, ao compará-los, sabe-se o que é um ser humano.

O mesmo acontece com o pensar, o sentir e a volição. A única diferença é que a volição vem a ser a mesma atividade anímica que o pensar, apenas muito jovem, infantil. Quando a volição envelhece, aí passa a ser o sentir, e a volição muito velha é o pensar. A diferença entre essas três qualidades se dá na idade, só que todas essas idades das atividades anímicas convivem na alma e isso torna a situação bem complexa. Mas já explicamos tudo isso. Os senhores precisam apenas ler o meu livro *O Limiar do mundo espiritual*², onde digo que, assim que abandonamos o mundo físico, não é a lei da rigidez que prevalece, mas a lei da transformação. Tudo se transforma. O velho torna-se súbitamente novo, o novo vira velho e por aí afora. Só que as três atividades anímicas podem apresentar-se simultaneamente: a volição mostra-se logo como a jovem volição, imediatamente depois como a velha volição, ou seja como o querer, e também a velhíssima volição, que vem a ser o pensar. As idades misturam-se, tudo torna-se fluído. Esse é o estado do corpo etérico do ser humano.

Só que essa transformação não pode simplesmente acontecer por si mesma. Aquilo que seria a unidade da atividade anímica não é acessível à consciência humana comum, nós não conseguimos trazer essas situações à luz da consciência. Como o corpo etérico é algo fluído, em movimento, e só é possível observar essas atividades nele, então podemos desenhar o corpo etérico simbolicamente como uma correnteza em permanente movimentação. Assim, a correnteza da atividade anímica não se torna de jeito nenhum consciente, mas num momento a atividade luciférica integra-se a ela e, logo depois em outro, a arimânica, numa ação que flui com o tempo.



A ação luciférica rejuvenesce a volição. Perpassada pelo {elemento} luciférico, nossa atividade anímica é volição. Quando o luciférico predomina na nossa atividade anímica, quando somente Lúcifer faz valer sua força na nossa alma, aí é volição. Lúcifer age rejuvenescendo a totalidade da energia de nossa alma. Em contraste, quando principalmente Árimã expressa sua força na nossa vida anímica, aí a nossa alma se endurece, envelhece, e isso é o pensar. Esse pensar, essa

2 GA 17 *O limiar do mundo espiritual Considerações aforísticas*, Editora Antroposófica, São Paulo, 1987.

atividade de ter pensamentos, não é possível de jeito nenhum na vida corriqueira, a menos que Árimã desdobre suas forças no corpo etérico. Na medida em que a vida anímica se expressa no corpo etérico, não é possível viver sem Árimã e sem Lúcifer.

Se Lúcifer abandonasse por completo nosso corpo etérico, nós não teríamos mais o fogo luciférico da volição. Se Árimã abandonasse por completo nosso corpo etérico, nós não poderíamos desenvolver a frieza do pensar. No meio, está a região onde lutam um contra o outro. Aqui eles se interpenetram, exercem suas atividades no outro. É a região do sentir. De fato, o corpo etérico se mostra de tal forma que é possível captar nele tanto a luz luciférica quando a dureza arimânica. O corpo etérico humano não tem a ordem natural que se vê aqui simbolizado (no desenho abaixo), ele existe no caos. São inclusões que se apresentam como se mostrassem o efeito de uma pancada de granizos. No corpo etérico, surgem desenhos comparáveis às figuras formadas pelo gelo na janela. Esses são os pontos de endurecimento do corpo etérico, que se mostra opaco nesses pontos. Eles são excessos da vida do pensar que se manifestam no corpo etérico. São uma espécie de pontos congelados no corpo etérico, gerados pela força que Árimã envia através do pensar.



Em outras partes do corpo etérico, surgem uma espécie de vescículas, áreas muito iluminadas, transparentes, brilhantes. São as forças que Lúcifer irradia e constituem os centros da volição no corpo etérico. Nos espaços intermediários do corpo etérico em permanente atividade, esses pontos de luz prendem e eliminam os pontos endurecidos e vice-versa. Um processo permanente de consolidação e de dissolução é a expressão da atividade dos sentimentos no corpo etérico. Poderíamos dizer que não apenas a forma do corpo físico surge pela interpenetração das forças luciféricas e arimânicas que alteram o equilíbrio, mas que essas forças também se manifestam na totalidade do corpo etérico. Quando as forças arimânicas se impõem, elas se expressam no pensar; e, quando as luciféricas dominam, temos a expressão da volição. Quando ambas as forças lutam entre si, a expressão disso é o sentir.

Essa é a maneira como as forças luciféricas e arimânicas se relacionam mutuamente no corpo etérico. Nós somos, de certa forma, o resultado dessas forças e estamos, na verdade, numa situação intermediária entre elas.

Agora, devemos ter a consciência de que nem sempre estamos presentes com o nosso eu nessas situações. Nosso eu, nosso eu terrenal, que somente conquistamos ao longo do desenvolvimento da Terra, inicialmente só consegue desenvolver toda a sua atividade e adquirir consciência no corpo físico. O eu só poderá se desenvolver no corpo etérico durante a época de Júpiter³ de tal forma que {na atualidade} o eu humano não participa diretamente do que ocorre no corpo etérico. Se as forças luciféricas e arimânicas deixarem de agir na progressiva evolução do mundo, o ser humano seria um ser completamente diferente, ele poderia ter percepções no corpo

3 A respeito da época de Júpiter, veja GA 13 *A ciência oculta*, Editora Antroposófica, São Paulo, 2006, bem como GA 275 *A arte à luz da sabedoria dos mistérios* (conferência de 3 de janeiro de 1915).

físico, mas não poderia ter pensamentos. Ele gera pensamentos {na sua atual constituição} porque Árimã influencia seu corpo etérico. E tem impulsos volitivos porque as forças luciféricas agem no seu corpo etérico. Portanto, essas forças devem continuar tendo esse acesso ao ser humano.

Deve ficar claro que com a nossa consciência da Terra não podemos chegar completamente ao corpo etérico. Somente em nosso corpo físico podemos vivenciar toda a nossa consciência do eu. Não podemos descer por completo até o corpo etérico. Portanto, com esse corpo etérico nós mergulhamos num mundo, no qual nós não estamos integralmente presentes. Junto com Árimã, que forma pensamentos em nosso corpo etérico, penetram não somente nossos pensamentos. Junto com Lúcifer, que forma a volição em nosso corpo etérico, penetram não somente nossos impulsos volitivos. E assim também ocorre com os sentimentos, na região em que ambas forças se digladiam. Na medida em que Árimã vive em nosso corpo etérico, mergulhamos com nosso corpo etérico na esfera dos espíritos da natureza, dos espíritos elementais da natureza, dos espíritos da terra, da água, do ar e do fogo. Só que nada sabemos disso porque não podemos descer completamente com o nosso eu até o nosso corpo etérico.

Mas é sempre assim que, nesse corpo etérico, não somente vive o poder do pensamento, aquilo que nós mesmo pensamos, mas também penetram as influências dos espíritos da natureza. Especialmente quando a pessoa se defronta com esses espíritos da natureza, ela sabe que vivenciou algo que não pode captar com sua consciência comum do eu; de fato, a pessoa se depara com esses espíritos da natureza quando algo anormal acontece na própria pessoa, quando o corpo etérico parece separar-se do corpo físico.

Como pode acontecer algo assim? Vejam os senhores, o corpo etérico humano está em contato com todo o mundo etérico circundante, portanto também com toda a esfera dos espíritos da natureza que existem ao nosso redor. Um exemplo disso é o caso da pessoa que durante o dia anda na rua. Se durante esse tempo ela mantém a sua consciência do dia a dia, então seu corpo etérico está corretamente dentro do seu corpo físico e percebe tudo aquilo que pode a partir de sua consciência do eu.

Digamos que, certa vez, ela vai andar à noite, que geralmente é escura e desperta em determinadas pessoas sentimentos arrepiantes, assustadores. Através das curiosas sensações que acompanham esses sentimentos e pelas quais especialmente Lúcifer age, o corpo etérico se desvencilha do corpo físico e, assim, o etérico livre do físico entra em contato com o mundo etérico que existe ao seu redor. Digamos que essa pessoa se aproxima a um cemitério, onde o corpo etérico dos recentemente falecidos ainda se encontra nos túmulos. Pode acontecer que a pessoa, cujo corpo etérico se desvencilhou parcialmente do físico, capte alguns dos pensamentos que ainda repousam nos corpos etéricos dos falecidos. Digamos que alguém faleceu recentemente com o pensamento que deixara dívidas para os herdeiros.

Esse pensamento ainda pode estar presente no corpo etérico do falecido. Evidentemente, a pessoa cujo corpo etérico permanece unido ao físico não capta esse pensamento, mas, no caso que estou relatando, aí sim pode acontecer. O corpo etérico parcialmente descolado de uma pessoa pode entrar em contato com o etérico do falecido e captar o pensamento deste: “Eu me endividei“. Como nesta situação a influência de Lúcifer é maior, surge no {corpo etérico} falecido o sentimento: “eu devo pagar essas dívidas”.

É assim que um ser humano pode vivenciar no seu corpo etérico algo que nunca sentiria no seu corpo físico em condições normais. Como em geral ninguém vivencia algo assim todos os dias, surge algo significativo na consciência de quem sente esse processo. Isso pode ser descrito como se

a pessoa sabe que viveu algo fora do seu corpo físico e sente estar numa situação inusitada, porque ela está em algum outro lugar sem ser no seu próprio corpo físico. Ela sente a necessidade de retornar ao corpo físico e busca ajuda para conseguir reunir seu etérico ao físico.

Esse sentimento de querer voltar ao corpo físico como que chama seres elementais, espíritos da natureza, que se alimentam desses sentimentos humanos. Eles se aproximam porque são atraídos pela sensação de saudade da pessoa de voltar ao seu corpo físico. Eles ajudam a pessoa a achar o caminho de volta ao corpo físico, o que acontece facilmente durante o sono. Mas quando acontece na maneira que acabei de relatar, então é difícil achar o caminho de volta. Nada disso é vivenciado como se fosse no próprio corpo físico, mas em forma de imagens, imaginativamente. Nelas aparece alguém, que na verdade é um ser da natureza, talvez na forma de um pastor, e dá um conselho, mais ou menos neste sentido: “Vá até o castelo e daí eu levo você numa carruagem”.

Existe uma outra ligação com essas representações. Pode acontecer da pessoa que viveu essa experiência achar que o seu corpo físico é como um castelo encantado e que, quando o seu etérico chegar lá, vai libertar alguém. É assim que se imagina essa saudade do próprio corpo físico e a ajuda do espírito da natureza. Então o etérico retorna ao corpo físico, ou seja, aí a pessoa acorda. As pessoas contam essas vivências reais porque têm a sensação de que entraram em contato com os pensamentos do falecido. Elas relatam com a sensação de que o vivido não foi algo que ocorreu nas pessoas que tiveram essas experiências, nem um sonho, mas uma vivência no mundo exterior. Isso se expressa evidentemente em imagens, mas elas correspondem a algo que realmente aconteceu.

Gostaria de ler ao senhores o relato de quem viveu algo parecido ao que acabei de contar⁴. “Depois que me despedi dos soldados, encontrei no caminho três homens. Eles queriam desenterrar um morto, porque ele lhes devia três marcos^{NT}. Eu me senti tomado de compaixão, paguei essa dívida, para que eles deixassem o falecido em paz no seu túmulo e segui o meu caminho. Logo apareceu um desconhecido de rosto pálido e me convidou a subir num veículo de chumbo para irmos até um castelo. Nele mora uma princesa que disse que só casaria o homem que chegasse num veículo de chumbo. O desconhecido disse ao condutor: “Dirija na velocidade que esta carruagem aguentar em direção ao amanhecer”. Aí surgiu um pastor de ovelhas e disse: “Eu sou o conde de Ravensburg!”. Ele exigiu que o condutor dirigisse mais rápido ainda. Ao chegar a um portão, ouviu-se um tumulto. A princesa perguntou ao homem quem era ele e eu percebi que aquele que me convidara para subir no veículo era um espírito. Eu me dirigi até o portão, entrei no castelo e me tornei dono dele”. Quer dizer, ele voltou ao seu corpo {físico}. Essa vivência é parecida àquela que eu relatei.

E o que é isso, quando acontece a uma outra pessoa e ela conta para outras tantas? Aí é um conto de fadas.

É assim que surgiram os contos de fada. Tudo o que mais que se conta a respeito do surgimento dos contos de fada nada mais é do que mera fantasia. Todos os contos de fada de verdade são uma prova de que as vivências fora do corpo físico humano existem, quando o corpo etérico se desvencilha parcialmente do físico e a pessoa entra em contato com o mundo etérico exterior. É uma forma pela qual o ser humano entra em contato com o mundo exterior por meio do

NT: Na Idade Medieval, já circulava o “Mark“ (marco). A partir de 1949, o marco alemão era aceito na chamada Alemanha Ocidental e outra moeda com o mesmo nome na então Alemanha Oriental. O euro incorporou, em 1999, ambas as moedas. O conde de Ravensburg (1180-1244) fundou uma dinastia que governou territórios que hoje correspondem à Alemanha. O condado com esse nome deixou de existir em 1816.

4 Não foi possível achar a origem desse relato.

seu corpo etérico. A pessoa pode ter esse contato de uma outra maneira, quando, digamos assim, ela desenvolve uma atividade na qual o seu eu só está parcialmente presente. É o caso da fala. Nós não falamos com o mesmo grau de consciência do que quando pensamos. Não é verdade de jeito nenhum que nós falamos algo que dominamos, que temos sob o nosso controle. Na fala vivem forças etéricas e uma boa porção de inconsciência. O eu não chega por completo até a fala. Enquanto falamos, nosso corpo etérico está em contato com o mundo etérico que nos circunda.

Aprendemos a pensar individualmente, mas não falamos como indivíduo. É o carma que nos ensina a falar, que nos coloca em meio a determinadas circunstâncias da vida. Assim como em situações anormais, a exemplo do descolamento do corpo etérico do físico, quando falamos estamos em contato com os espíritos da natureza, ou seja, quando não ficamos mudos enquanto pensamos, aí estabelecemos relações com os espíritos dos povos. E os espíritos dos povos vivem em nosso corpo etérico, mas não ao ponto de que a nossa consciência possa percebê-los. O que vive dessa maneira no ser humano na verdade mal pertence à atividade consciente do eu, assim como também é o caso do que a pessoa relatou do conto de fadas.

Apresentamos, portanto, a ação desenvolvida por Lúcifer e Árimã no interior do corpo etérico humano. Mas essas forças também se manifestam no corpo astral. Se quisermos estudar o corpo astral do ser humano, então devemos assinalar aquilo que o caracteriza da melhor maneira possível na Terra. É a consciência. No corpo físico, o essencial humano são a forma e a força; no etérico, o movimento, a vida; e no astral, a consciência. Só que no corpo humano não temos a ver com um estado de consciência, mas com dois: o estado normal de vigília e o estado do sono. O mais curioso é que nenhum deles é completamente natural. Sim, pode-se dizer que nem o estado de vigília nem o de sono são completamente naturais para nós. Natural para nós seria um estado intermediário, no qual nunca viveríamos plenamente conscientes.

Se ficarmos permanentemente acordados, mal conseguiríamos chegar a um desenvolvimento humano adequado nas diferentes idades da vida. Somente porque quase sempre tem algo em nós que fica como que menos acordado durante o dia é que estamos em condições de nos desenvolver. Os senhores poderiam se perguntar o quanto acham que se desenvolvem através do que vivenciam e assimilam no dia a dia. Com isso, iriam apenas satisfazer a própria curiosidade, a busca de sensações. Mas presta-se muito pouca atenção para tentar saber se o que vivenciamos nos afazeres diários colocamos a serviço do desenvolvimento.

A pessoa só se desenvolve porque, mesmo que fique acordada durante o dia, algo dorme nela. Isso não acontece porque a pessoa cochila, mas porque, apesar de ficar desperta durante o dia, algo ainda continua adormecido nela. É justamente essa situação de semi adormecida que faz com que ela não continue sendo uma criança, mas que avance no seu desenvolvimento.

Aquilo que se torna consciente através do corpo astral é o estado de vigília convencional. Esse estado de vigília convencional, porém, leva a que a pessoa fique acordada demais. No estado de vigília convencional nos entregamos demais ao mundo exterior, ficamos demais no mundo exterior. E de onde vem isso? Isso vem do fato de que a consciência da vigília vive sob a forte influência, sob o poder exagerado, de Árimã. A consciência da vigília = Árimã.

Com a consciência do sono é diferente. Aí estamos pouco acordados. Fazemos tudo em demasia para o nosso desenvolvimento, para nós mesmos. Estamos por completo em nós e com tanta força que toda a consciência é apagada. Na consciência do sono é Lúcifer quem prevalece. A consciência do sono = Lúcifer.

Mantemos uma determinada relação com o nosso corpo astral pela qual, quando acordamos, Árimã se impõe a Lúcifer e, quando dormimos, Lúcifer é superior a Árimã. Eles só se equilibram quando nós sonhamos, aí eles disputam a supremacia e chegam a um equilíbrio. Nessa situação, as representações, geradas por Árimã na consciência diurna e que se tornam duras, são diluídas pela influência de Lúcifer, que as faz desaparecer. Tudo transforma-se em imagens, na medida em que não permanecem como representações consolidadas, mas são diluídas e ficam em movimento.

Assim como o equilíbrio de um veículo acontece num ponto ou num eixo, ele é exigido igualmente de ambos os lados, e portanto não existe mais repouso, mas equilíbrio. Na vida humana temos a ver com o equilíbrio e não com o repouso. Lúcifer e Árimã são as duas forças que mantêm o equilíbrio {no ser humano}, sendo que um deles vence temporariamente e depois, o outro. No estado de consciência de vigília, o prato da balança se inclina a favor de Árimã e, no de consciência do sono, a favor de Lúcifer. Somente no estado intermediário, que é quando sonhamos, os pratos sobem e descem, não que estivessem em repouso, mas em equilíbrio.

Mas mesmo quando avançamos na vida humana vemos como esse estado flutuante entre Lúcifer e Árimã continua agindo. Dois conceitos são da maior importância na vida. Um deles é conceito do dever, que, se abordado de um ponto de vista religioso, vem a ser o conceito do mandamento. O outro conceito é o do direito, que também queremos considerar a seguir.

Se os senhores refletirem sobre a influência na vida humana dos conceitos do dever e do direito, logo perceberão que eles constituem conceitos opostos, uma oposição polarizante, e que, de certa forma, o ser humano também tem essa tendência de ora mais para o dever, ora mais para o direito. Aliás, vivemos numa época {1914} na qual os seres humanos preferem falar de seus direitos do que de seus deveres. Todos os segmentos possíveis da vida querem fazer valer seus direitos. Em consequência, temos o direito do trabalhador, o direito feminino e por aí afora.

O dever é o conceito oposto ao do direito. A nossa época será seguida por uma outra, na qual, através da influência da visão de mundo espiritual da Antroposofia, passará a valer o dever. Somente no futuro, num futuro bem distante, passarão a existir movimentos que irão exigir cada vez menos direitos, mas, no seu lugar, mais deveres. A questão será mais: quais são os deveres de um homem, de uma mulher, neste tema? É assim que a época do direito será substituída pela época dos deveres.

O direito e o dever agem em nossa vida como opostos, como polaridades. Pode-se dizer que, quando o ser humano olha com sua alma para o dever, ele olha para fora de si mesmo. Kant⁵ expressou isso de uma maneira grandiosa, na medida em que disse que a obrigação é como uma augusta deusa, para a qual o ser humano se dirige elevando o olhar: “Dever, tu sublime grande nome, que não aceitas nada amoroso e recusas insinuações, mas exiges submissão (...)”. O ser humano vê o dever como algo que desce das regiões do mundo espiritual. Ele sente o dever como

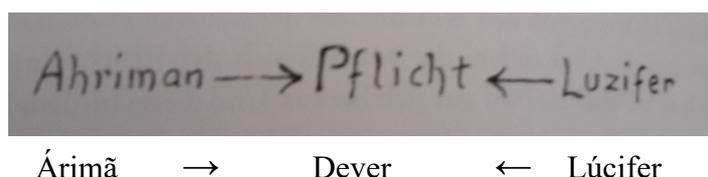
5 As obras mais importantes do filósofo Immanuel Kant são *A crítica da razão pura* (1781-1786), *A crítica da razão prática* (1788) e *A crítica da faculdade do juízo* (1790). A citação consta de *A crítica da razão prática*, primeira parte, terceiro capítulo Dos impulsionadores da razão pura prática.

um impulso religioso imposto pelas entidades das elevadas hierarquias espirituais. Na medida em que se submete ao dever, ele sai de si mesmo e adentra o sentimento do dever. Esse estado de sair de si mesmo e adentrar o sentimento do dever já é uma maneira do ser humano se afastar do seu eu cotidiano.

Mas essa espécie de se afastar do seu eu cotidiano, essa aspiração de se espiritualizar, pode conduzir o ser humano a uma situação na qual ele perderia o contato firme com o chão, caso ele se dedicasse exclusivamente a essa aspiração de sair de si mesmo. A pessoa como que perderia peso {peso gerado pela gravidade} se somente quisesse sair de si. Portanto, quando o ser humano se submete ao dever, ele deve buscar em si mesmo ajuda para manter igualmente o peso. Schiller⁶ expressou de maneira muito bonita, quando disse que o ser humano consegue a mais bela relação com o dever quando aprende a amar o dever. Esse pensamento expressa muito.

Quando o ser humano fala que ele aprende a amar o dever, ele não se submete simplesmente ao dever, mas se eleva acima de si mesmo e leva o amor consigo, que, em geral, ele só sente em relação a si mesmo. O ser humano retira de si mesmo o amor que vive no seu corpo, que era o egoísmo, e assim ama o dever. Enquanto apenas for amor a si mesmo, é uma força luciférica. Quando, porém, o ser humano retira de si esse amor a si mesmo e ama o dever, aí ele vai redimir Lúcifer, conduzindo-o para a região do dever e, digamos assim, faz do Lúcifer um ser com o direito de agir no dever, de sentir esse impulso do dever.

O oposto acontece quando a pessoa não consegue retirar o amor de si mesmo e elevá-lo ao dever, pois aí ela vai continuar amando somente a si mesma. Se não puder amar o dever, ela só podera se submeter ao dever, se tornará escrava do dever, se secará e se endurecerá como um ser humano subjugado pelo dever, se tornará frio e tedioso, mesmo que esteja entregue ao dever. Embora essa pessoa se submeta ao dever, ela se endurece no sentido arimânico.



Os senhores vêem que o dever como que está aí dentro disso. Se nos submetermos ao dever, ele destrói a nossa liberdade. Seremos escravos do dever, porque, de um lado, Árimã se aproxima ao dever com os seus impulsos. Mas se nós mesmos nos oferecermos ao dever, aí então levamos a ele a força do amor a si mesmo sacrificado, vamos opor {a Árimã} o calor luciférico já transformado como sendo o amor ao dever. Devido ao estado de equilíbrio entre Lúcifer e Árimã, o resultado disso é que encontramos uma relação equilibrada equivalente ao dever.

Moralmente, portanto, nós mesmos introduzimos um estado de equilíbrio entre Lúcifer e Árimã. Este ser arimânico encontra-se fora na espiritualidade e como que faz murchar o dever a que devemos submeter-nos, e assim tira a nossa liberdade. Na medida em que levamos o amor que se encontra em nosso próprio organismo e o apresentamos a Árimã, colocamo-nos nós mesmo diante dele. Na luta entre Lúcifer e Árimã, nós introduzimos a relação correta no que diz respeito ao dever.

⁶ Em sentido satírico, por exemplo, na poesia de Friedrich Schiller, *Os filósofos*.

De certa forma, nós também vamos redimir Lúcifer. Quando o ser humano começar a amar os seus deveres, esse será o momento da contribuição para a redimir as forças luciféricas, que, de modo contrário, estão encantadas no ser humano sob a forma do amor a si mesmo, mas que então serão retiradas do ser humano e dirigidas para lutar contra Árimã. Assim, podemos redimir o Lúcifer que está encantado pelo amor a si mesmo; quando aprendermos a amar nossos deveres, então poderemos libertá-lo.

Em suas *Cartas sobre a educação estética da humanidade* Schiller⁷ formulou a mesma questão: como é possível afastar-se da escravidão do dever e chegar a amá-lo? Bom, ele não utilizou as expressões Lúcifer e Árimã, porque não pensou a questão cósmicamente. Essas cartas do Schiller sobre a educação estética do ser humano podem ser transferidas diretamente para a Ciência Espiritual.

No caso do direito, quando ele é aplicado, passa imediatamente a estar ligado a Lúcifer. O ser humano não precisa aprender a amar seus direitos, ele os ama e é natural que ame os seus direitos. Existe uma relação natural entre Lúcifer e o direito no {âmbito do} sentir, nessa sensação do direito. Em toda parte onde o direito impera, Lúcifer tem voz ativa. Às vezes, já na propaganda a favor deste ou aquele direito vê-se exteriormente com toda clareza a força com que Lúcifer participa {desse processo}.

A questão aqui reside em chegar àquilo que é o contrário do direito, e com isso como que chamamos Árimã a formar uma oposição a Lúcifer, que já está em contato com o direito. Nós podemos fazer isso através daquilo que é o polo oposto do amor. O amor é fogo interior, seu oposto é a serenidade, é o aceitar aquilo que se apresenta como o carma do mundo; é o entender do que se passa no mundo, a compreensiva serenidade.

Assim que chegarmos com a compreensiva serenidade ao nosso direito, chamamos Árimã. Aqui é muito difícil identificá-lo. Podemos liberá-lo de sua simples existência exterior, chamando-o para entrar e o aquecemos com o amor, que já se encontra ligado ao direito. A serenidade tem algo da frieza de Árimã. Na compreensão daquilo que se apresenta para nós como o carma do mundo, ligamos o nosso caloroso e compreensivo amor com o frio que está lá fora no mundo. Só podemos redimir Árimã quando, no lugar de exigir o nosso direito a partir do nosso amor a nós mesmos, compreendermos {serenamente} aquilo que ocorre no mundo.

Essa é a eterna luta no mundo entre Lúcifer e Árimã. De um lado, o ser humano pode aprender a entender como as condições conservadoras surgiram a partir da necessidade cósmica, da necessidade cármica. Do outro, a corrente revolucionária, que a pessoa sente no peito como uma pressão de ter que realizar sempre o novo. Lúcifer vive no ambiente revolucionário. Árimã vive na corrente conservadora. E o ser humano vive entre essas duas oposições, que são polares entre si, na medida em que ele está na área da vida do direito.

Assim, vemos como também o direito e o dever representam o estado de equilíbrio entre Lúcifer e Árimã. Somente aprendemos a conhecer como os corpos físico, etérico e astral se relacionam entre si na vida humana, como o dever e o direito se apresentam na vida do direito e na vida do dever, como elas existem no mundo, quando reconhecemos as relações entre as forças espirituais, especialmente entre aquelas forças espirituais que levam ao estado de equilíbrio.

7 Friedrich Schiller, em *Cartas sobre a educação estética da humanidade*, de 1795.

Assim como nós podemos observar o que já está aí, o que surge a partir da influência das forças espirituais que geram o equilíbrio, assim também se acomoda aquilo que vivemos na nossa vida moral no mundo das oposições polares. Inclusive toda a moral, a ética, a vida moral com sua polaridade do dever e do direito, tudo só se torna compreensível quando incluímos a influência de Árimã e de Lúcifer nesta observação. Igualmente, compreendemos a vida histórica do ser humano, que acontece nos movimentos luciféricos bélico-revolucionários e em constante intercâmbio com os movimentos arimânicos conservador-pacifistas.

Isso se apresenta novamente como um estado de equilíbrio entre Árimã e Lúcifer. Só podemos entender o mundo quando o observamos para conhecê-lo em suas oposições. O que encontramos no mundo exterior, apresenta-se sob a forma de contradições e é realmente dualista. Nesse sentido, o maniqueísmo⁸, o maniqueísmo corretamente compreendido, é dualista, é corretamente fundamentado. De que maneira esse maniqueísmo, mesmo no interior de um monismo espiritual, pode ser completamente fundamentado, disso poderemos falar no futuro.

A minha intenção com estas conferências era mostrar aos senhores como o mundo é o resultado dos efeitos de estados de equilíbrio. Esse resultado também aparece especialmente na vida artística. Partindo deste ponto de vista⁹, iremos posteriormente contemplar as artes e seu desenvolvimento no mundo e a participação das diferentes forças espirituais no desenvolvimento da vida artística da humanidade.

*GA 158 A relação do ser humano com o mundo elemental. Kalevala, Olaf Åsteson. O povo russo Rudolf Steiner Verlag, Dornach, 1993.

8 Doutrina dualista formulada por Manes (216-276), que se ocupa especialmente com as questões do mal e apresenta dois eternos seres fundamentais em luta, um deles bom, luminoso, e o outro, mal, tenebroso. O maniqueísmo cristão ensinava que o bom deus enviara o espírito solar Cristo para a Terra num corpo aparente para resgatar a parte inferior da luz que fora rasgada durante a luta. Veja GA 93 *A lenda do templo e a lenda dourada* (conferência de 11 de novembro de 1904), GA 95 *Diante dos portais da Teosofia* (9 de agosto de 1906), GA 104 *O Apocalipse de João* (25 de junho de 1908), GA 156 *Leitura e escuta ocultas* (26 de dezembro de 1914) e GA 175 *Etapas para um conhecimento do Mistério do Gólgata*. (19 de abril de 1917).

9 Veja em GA 275 *A arte à luz da sabedoria dos mistérios* (conferências de 28 de dezembro de 1914 e 3 de janeiro de 1915).